

**ENGLISH LANGUAGE AND CULTURE IN BRAZIL:
PERSPECTIVES FOR A GLOBALIZED WORLD**

LIMA, Diógenes Cândido de. (Ed.) *Language and its cultural substrate: perspectives for a globalized world*. Campinas: Pontes Editores, 2012.

*Claire Kramsch**

It is refreshing to read about the relationship of language and culture from the perspective of language scholars within the interdisciplinary tradition of Brazilian applied linguistics. With the exception of Peter Ecke, who teaches German and SLA at the U. of Arizona, all the contributors to this stimulating collection of papers work within a Brazilian educational and academic environment, all teach and/or research the teaching of English language and literature in Brazil. The perspectives they offer on the role of English in a globalized world are all the more enlightening as they are written in perfect academic global English and thus should be easily accessible to a wide readership of English language educators and researchers. Yet they frame the issues differently from the way language and culture are usually framed in Anglo-American foreign language educational contexts. While applied linguists in these contexts worry about what culture should be taught, whether it should be taught at all in foreign language classes, how to avoid cultural stereotypes, and how to develop intercultural competence, Brazilian educators ask more

* University of California, at Berkeley.

critical, social and political questions regarding the cultural ‘substrate’ of English now that it has become a global language.

In fact, the question asked by Cynthia dos Santos in the initial chapter: Should the translator “foreignize” the text to remain faithful to the original or “domesticate” it to make it accessible to the reader? – could serve as a metaphor for the dilemma that each author grapples with in this very volume. Should language teachers in Brazil teach Anglo-American English as a “foreign” language and culture, or as the “domestic” language of a globalized Brazil and its attendant neoliberal culture? Each chapter strives to break out of this dilemma: by diversifying the various Englishes that should be taught (Schmitz); by reaching out to literature as a way of recapturing the complexity of individuals and situations (Hunter); by redefining interculturality (Oliveira) and multiliteracies (Eluf, Siqueira); by integrating into the curriculum literary authors that do not belong to the privileged Eurocentric-American WASP literati (Ferreira de Lima); by advocating the critical reading of texts (Rodrigues Lima) and the demystification of cultures and ideologies (Cruz). These efforts to relativize, pluralize, hybridize, diversify English are all attempts to break out of the global-local dichotomy and to carve out for Brazilian language educators a unique role as mediators between the monolingual hegemony of global English and the multilingual fragmentation of local, national languages and dialects. While Rajagopalan’s proposal to disinvent the native speaker and indeed the whole concept of language itself still awaits its concrete implementation in the language classroom, Candido de Lima’s study of Brazilian immigrants in South Florida and the linguistic and cultural difficulties they encounter there is a stark reminder of what is at stake in the teaching of English in a global economy that uproots workers from their native soil and forces them to seek employment in “foreign” lands. It is their plight that this book wants us to keep in mind as this chapter closes the volume: which knowledge of English would facilitate the survival of these immigrant workers and make their lives easier? There is no easy answer to this question, but this book has shown us at least some elements of a response from Brazilian

applied linguists with an acute social conscience and an admirable sense of educational responsibility.

LÍNGUA E CULTURA INGLESAS NO BRASIL: PERSPECTIVAS PARA UM MUNDO GLOBALIZADO

Sueid Fauaze Moreira **
(Tradução)

É revigorante ler sobre a relação entre linguagem e cultura a partir da perspectiva de estudiosos da linguagem dentro da tradição interdisciplinar da linguística aplicada no Brasil. Com a exceção de Peter Ecke, que ensina alemão e aquisição de segunda língua na Universidade do Arizona, todos os que contribuíram para essa inspiradora coletânea de artigos trabalham em um ambiente acadêmico e educacional brasileiro e ensinam e/ou pesquisam sobre a língua inglesa e literatura no Brasil. As perspectivas que os autores oferecem a respeito do inglês em um mundo globalizado apresentam-se tão reveladoras à medida que são escritas em um perfeito inglês acadêmico globalizado e, assim, tornam-se facilmente acessíveis a um vasto público de educadores e pesquisadores da língua inglesa. No entanto, os trabalhos abordam questões relacionadas à língua estrangeira e cultura de maneira diferente de como estes temas são abordados no contexto educacional anglo americano. Enquanto os linguistas aplicados, inseridos neste contexto, se preocupam so-

** Professora de Língua Inglesa do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

bre que cultura deveria ser ensinada, ou se deveria ser ensinada nas aulas de língua estrangeira, ou como evitar estereótipos culturais e como desenvolver competência intercultural, educadores brasileiros levantam questionamentos mais críticos, sociais e políticos sobre o substrato cultural do inglês, agora que esta se tornou uma língua global.

Na verdade, a pergunta feita por Cynthia dos Santos no capítulo inicial – Deveria o tradutor “estrangeirizar” o texto para permanecer fiel ao original ou ‘domesticar’ o texto para torná-lo acessível ao leitor? – poderia servir como uma metáfora para o dilema que cada autor enfrenta neste mesmo livro. Deveriam os professores de língua no Brasil ensinar inglês anglo americano como língua e cultura “estrangeiras” ou como a língua “doméstica” de um Brasil globalizado e seus participantes da cultura neoliberal? Cada capítulo luta para se livrar deste dilema: diversificando os distintos “ingleses” que deveriam ser ensinados (Schmitz); buscando na literatura a maneira de recuperar a complexidade de indivíduos e situações (Hunter); redefinindo interculturalidade (Oliveira) e multialfabetizações (Eluf, Siqueira); integrando ao currículo autores literários que não pertencem aos privilegiados literatos brancos, anglo-saxões protestantes, eurocêtricos-americanos (Ferreira de Lima); defendendo a leitura crítica de textos (Rodrigues Lima); e desmistificando culturas e ideologias (Cruz). Estes esforços para relativizar, pluralizar, misturar, diversificar o inglês são tentativas de romper com a dicotomia global-local e trinchar para os educadores brasileiros de línguas estrangeiras uma excepcional função de mediadores entre hegemonia monolíngue do inglês global e a fragmentação multilíngue de línguas locais e nacionais e dialetos. Embora a proposta de Rajagopalan de desinventar o falante nativo e até mesmo todo o conceito de língua aguarda sua definitiva implementação na sala de aula de língua, o estudo de Cândido de Lima, com brasileiros imigrantes no Sul da Flórida e as dificuldades linguísticas e culturais que eles enfrentam, apresenta uma cruel admoestação sobre o que está em jogo no ensino de inglês em uma economia global que extirpa trabalhadores de suas pátrias de origem e os obriga a procurar emprego em terras ‘estrangeiras’. É a situação deles que este livro deseja que consideremos ao finalizar com este capítulo: Que conhecimento de inglês facilitaria a sobrevivência destes trabalhadores imi-

grantes e tornaria suas vidas mais tranquilas? Não há uma resposta fácil para esta pergunta, mas este livro, ao menos, nos mostra alguns elementos de refutação expostos por linguistas aplicados brasileiros com uma aguçada consciência social e um admirável senso de responsabilidade educacional.

*Recebido em 22/07/2013.
Aprovado em 27/09/2013.*